

CYRO MARTINS

Luiz Carlos Meneghini\*, Porto Alegre

Como bem o atesta o próprio Freud, foi James Putnam, professor de Neurologia em Harvard e homem de elevados padrões éticos e científicos, o primeiro norte-americano a reconhecer o enorme alcance da psicanálise; a ele se deve, sem dúvida, a grande acolhida e divulgação que esta nova doutrina sobre a mente humana iria encontrar naquele país.

Mas a argúcia dos Putnam, com sua sensibilidade em detectar talentos, como logo veremos, não se dirigia exclusivamente para Viena e para o Velho Continente e, na década de 30, outro ilustre membro desse clã focava sua curiosidade sobre estas paragens da América Latina.

Graças aos inesgotáveis arquivos secretos de Maurício e Luiza Rosenblatt, chegou às minhas mãos um exemplar do primeiro número de RUMO, revista mensal dirigido por Aparício Maciel, publicado em fevereiro de 1936. Ali, entre dois sonetos de Mario Quintana, um artigo de Celestino Prunes sobre “O Direito de Morrer”, um conto de Telmo Vergara, uma crônica de Hamilcar de Garcia e um artigo de Galeno Pianta sobre “O Complexo de Oedipus e o amor à Pátria”, encontrei um escrito, sob o título “Noventa e Três”, ao fim do qual a redação após a seguinte nota relativa a seu autor:

“Sobre um escritor regionalista: Samuel Putnam, notável sociólogo norte-americano, na secção ‘Livros Estrangeiros’ da ‘University of Oklahoma’ assim se refere sobre o livro ‘Campo Fora’, de Cyro Martins. Em síntese, trata-se de contos coloridos da vida da fronteira brasileira, cuja época e estilo estão de acordo com os tipos que habitam essa região. Objectiva, assim, soldados, homens que hoje são amigos, amanhã inimigos e amigos, de novo, no dia seguinte, através das circunstâncias impostas pela política. Há uma descrição em 500 palavras apenas, de um mutilado no campo de batalha que seria suficiente para fazer parar, para sempre, todas as guerras. Cyro Martins é um escritor de indubitável poder.”

Uma vez mais não se enganaram os Putnam. Mudaram os tempos, incrementaram-se as ansiedades na sociedade contemporânea, mais desenfreada campeia a agressividade humana, mas não mudou o Cyro que abominava a destruição e seguiu confiante na capacidade criativa do homem.

Dele ouvimos em fevereiro de 1978, na Cidade do México, como arremate de seu trabalho sobre “Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo”:

“... Pois essas duas expectativas de calamidade universal exacerbam tanto o sentimento de culpa persecutória quanto o pressentimento da mais absoluta insegurança. Mas a essas emoções de espanto, o homem contemporâneo, que apesar de tudo teima em ser homem, contrapõe uma fantasia de salvação, composta do senso de humor de uns, da intuição poética de outros e do saber científico de uns poucos, destinada a desviar a agressividade humana de seus rumos catastróficos e a canalizar suas energias para outro destino, o de reparar, o de sublimar, o de construir, proporcionando aos povos novas equações de entendimento mútuo, para que a fantasia que amanhecerá no ano 2.000 fulgure atraente, sem ser uma simples miragem”.

Este Cyro Martins humanista, intuído pela crítica norte-americana há mais de sessenta anos, imbatível nas refregas do cotidiano, vivendo em recato seus sofrimentos íntimos, porém inabalável em sua crença no poder construtivo do amor, sempre com olhos serenos e esperançosos voltados para o futuro, este Cyro Martins, eu – menino então – só viria a conhecer mais tarde, muito devagarinho, através de imagens ao início vagas e fugidias, aos poucos se delineando mais nítidas, até que adquirissem configuração definida, num convívio de mais de quarenta anos, alimentado pelo calor do afeto que prodigalizou aos que dele se acercaram.

Apenas alfabetizado em 1934, não chegou a mim notícia do aparecimento de CAMPO FORA, como impossível era saber que, um ano antes, nossa Faculdade de Medicina formara discreto e promissor jovem de Quaraí.

Em 1937, eu queimava pestanas para o exame de admissão ao ginásio – o mesmo Anchieta para o qual, em 1920, um menino do Cerro do Marco vinha para o colégio – enquanto o jovem doutor igualmente passava noites em claro, no preparo de concurso brilhante que, em 1938, iria torná-lo psiquiatra destacado do Hospital São Pedro. Sempre fiel à literatura, encontrava ele ainda disponibilidades para lançar naquele ano, SEM RUMO.

Em 1939, o ginásiano, de passagem pela Rua da Praia, em vitrine da Livraria Globo ou da Livraria Americana, fixou um nome e um título que – sabe-se lá por que veredas inconscientes – encontraram simpatia e ressonâncias duradouras: “ENQUANTO AS ÁGUAS CORREM”, de Cyro Martins.

MENSAGEM ERRANTE, em 1942, e PORTEIRA FECHADA, em 1944, não mais pegariam desprevenido o adolescente ávido em descobrir coisas sobre a realidade desta sua província.

Ao menino da capital, nascido entre caminhos de paralelepípedos – o asfalto só viria mais tarde – e criado numa tradição de pequena burguesia luso-brasileira, não seduzia a romântica valorização de um tipo de vida restrito a uma região ou de uma rusticidade de conotações machistas.

Eis que a prosa escorregada de Cyro, fluindo em linguajar de legítimas raízes nacionais, vinha me reconciliar com uma querência não idealizada e com um gaúcho despojado de suas roupagens míticas, vivendo as contingências de seu conturbado contexto social, profundamente autêntico em suas vicissitudes e anseios frente às mudanças históricas em processamento, tudo narrado com tocante simplicidade e afeto pela pena do autor.

Tive, entretanto, que aguardar até 1950 para passar do relacionamento com o Cyro livro ao Cyro pessoa. Era eu aluno de Clínica Neurológica quando o catedrático Celso Aquino arrastou Cyro até um dos anfiteatros de nossa Santa Casa para que nos desse uma magistral aula sobre Fisiologia Medular. A preleção foi brilhante e erudita, com a clareza e lucidez próprias ao Cyro quando transmitia suas idéias. Grande a frustração, também, porque o contacto era fugaz: de malas prontas, aprestava-se ele a

partir para Buenos Aires, onde iria realizar sua formação psicanalítica.

Até desaparecer, Celso insistia em levar Cyro à enfermaria para que repetisse aquela aula, como instava comigo para que eu fizesse a livre-docência de Neurologia, recusando-se a aceitar que tínhamos abandonado definitivamente o martelo de Babinski pelo divã de Freud.

Mas naquele ano, que marcava a metade do século, novelista consagrado, maduro e experiente já como psiquiatra, Cyro partia deixando entre nós um rastro marcante de sua atividade. Com outros pioneiros, participara da fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, exercendo o cargo de seu secretário por seis anos ininterruptos. Essa Sociedade foi importante núcleo de aglutinação científica e associativa, cujos frutos viriam a colher mais tarde minha geração e as que nos seguiriam.

Em 1950, movido pelas mesmas inquietações que haviam levado Mário Martins e José Lemmertz ao Prata e Celestino Prunes ao Rio, Cyro, também, à custa de muitos sacrifícios, ia preparar-se com afinco para os pesados encargos que esse quarteto de escol teria que assumir em Porto Alegre, implantando entre nós a psicanálise e imprimindo novos rumos ao ensino da psiquiatria e à assistência aos doentes mentais.

Finalmente em 1955, ele e Zaira estão de volta a Porto Alegre onde eu e muitos outros colegas, então jovens, estávamos a postos para escutar sua palavra e com a secreta esperança de virmos a ser igualmente seus amigos. Ambas as expectativas se cumpriram, sem decepções.

A bagagem de Cyro vinha bem mais pesada na volta; não somente haviam aumentado seu cabedal científico e sua capacidade em compreender os conflitos humanos; vinha também, no colo, o Cláudio, cujo crescimento iríamos todos acompanhar, novo companheiro permanente da ESTRADA NOVA que Cyro e Zaira vinham abrir em Porto Alegre.

E depois, quando eles, acolhedores, nos abriam a porteira do Cerro Formoso, à Praça Júlio de Castilhos, no “galpão” decorado com o bom gosto de Zaira e perfumado por sua olorosa culinária, tínhamos o prazer de conviver também com a inteligência e vivacidade de Maria Helena.

Muitas águas correram desde 1957 quando Fernando Guedes, Sérgio Annes, Germano Vollmer e eu começávamos, sob a orientação de Cyro, nosso primeiro seminário psicanalítico sobre a obra de Freud. Seguro, competente e cordial, ele fazia nossa iniciação nos mistérios de uma ciência e de uma arte sobre as quais publicou obra tão vasta.

Era sábia a decisão da Sociedade ao nos oferecer o Cyro como primeiro regente de seminários.

Representava ele, certamente, um modelo de psicanalista que não se cinge ao terapeuta em busca da cura ou do alívio de seus pacientes ou ao frio investigador perquirindo insuspeitados labirintos da mente humana, mas era, paralelamente, um espírito interessado em integrar o conhecimento psicanalítico com outros setores da medicina e das ciências do homem.

Na aceitação que fez da psicanálise como embasamento do único humanismo possível nos dias atuais, encontrou Cyro também estuário para mais desenvolver seus dotes artísticos que aparecem, ora na forma aprimorada com que divulgou o pensamento freudiano, ora no modo com que sua instintividade se sublimou na criação literária pura, sem alienar-se da problemática social.

Como personalidade eminentemente agregadora, não se pode omitir seu papel nas origens e desenvolvimento da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo e da própria Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, continuadora atual de sua filha dileta fundada em 1939, da qual foi também fundador e seu primeiro secretário.

Solícito em atender ao chamamento de grupos desejosos de aprender mais sobre o comportamento humano, lá estava sempre o Cyro, apresentando cuidadosas e consistentes exposições.

Nesta missão que se impôs e para a qual não tinha esmorecimentos nem fadigas, muito palmilhou o Cyro as trilhas deste mundo, pedindo que o acompanhássemos e nos encorajando a produzir, escrever e viajar com ele.

Assim, juntos cruzamos pela primeira vez os Andes em 1960, quando o Grupo Psicanalítico de Porto Alegre buscava seu lugar junto ao movimento psicanalítico internacional, no Congresso Latino-Americano de Santiago do Chile, em 1960 e, para melhor engolir as amargas caturrices do Werner Kemper, tínhamos que dissolvê-las com deliciosos “psico-sauer”, saboreados à beira da piscina do Hotel Carrera e de “los locos”, estranhos mariscos degustados à beira do Pacífico, em Valparaíso.

Quase vinte anos se passariam e, no início de 1978, com seu passo vigoroso, estava a meu lado pelas ladeiras de Taxco, deslumbrados ambos pelo colorido daquela manhã mexicana. E tamanho foi o arrebatamento por aquela fantástica feira domingueira que nos perdemos das companheiras. Elas, muito práticas, ficaram contando seus cheques de viagem, para saber quantos dias sobreviveriam por lá, caso eu e Cyro tivéssemos fugido em busca das miragens de fumaças inebriantes de Tijuana...

Mesmo abusando um pouco dos leitores de agora onde o que é muito pessoal se mescla com os feitos do homenageado, o próprio Cyro me concederia tal licença quando dizia, ao final de um capítulo de seu RODEIO:

“Além de outras coisas vagas que poderia dizer, a título de mensagem errante, ocorre-me esta agachada, mas recomendando cuidado, para não fazer esparramo entre o visindário sizudo: vez que outra é bom ir ao encontro de nossas visões, as dos fantasmas evanescentes que ficaram para trás e as que ainda nos fascinam abrindo clareiras nos esconderijos do porvir. Mas o ideal mesmo é a gente poder não se sentir jamais em fim de festa e experimentar o gosto de viver no devir do dia a dia, infinito recomeçar da criação”.

Prosseguimos no dia a dia, mês após mês, os anos se sucedendo e dou agora um salto até a presente década.

Em fins de 1991, instado por vários colegas, aceitei concorrer, por segunda vez, à presidência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre; organizei uma chapa e, para um de meus conselheiros, a escolha recaiu em Cyro, embora cômico do sacrifício que isso representaria para ele, já octogenário. Aceitou, fomos eleitos e, tendo eu adoecido gravemente em 30 de dezembro daquele ano, era sempre presente em meu quarto de hospital, o conselheiro cordial, sempre tranquilo e discreto. Chegado março de 1992, normalizada a situação, iniciamos as reuniões do Conselho Técnico-Administrativo, com ele indefectivelmente

presente, fizesse frio ou chuva – eu até um pouco culpado pelo encargo que lhe havia dado e temeroso por sua saúde. Suas atitudes eram sempre oportunas e conciliadoras, aplainando as arestas nos momentos em que os demais queriam exagerar nas radicalizações ou manifestações mais agressivas. Em dezembro de 1993 concluímos nosso mandato, festejamos os trinta anos de reconhecimento da Sociedade pela Associação Psicanalítica Internacional e lançamos o primeiro número desta Revista, da qual ele foi um grande entusiasta.

Sua atividade literária e sua presença na Sociedade se mantinham inalteradas; em 5 de maio de 1994, fizemos um dueto para membros e candidatos, em nossa sede, sobre os primórdios de nossa agremiação, reunião muito alegre, gravada em vídeo, na qual não faltaram narrativas e inconfidências até mesmo picarecasas...

O último evento que compartilhamos – Cyro, Theobaldo e eu – ocorreu em 1995, na Casa Mario Quintana, com patrocínio do Instituto Estadual do Livro, relativo ao centenário de Dyonélio Machado. Cyro continuava completamente lúcido e atilado como sempre.

Há muitos anos, não caminho mais pelo centro de Porto Alegre, cingindo-me ao meu bairro, sempre em torno da Praça Júlio de Castilhos. Rara era a oportunidade em que não o encontrasse, quando “batíamos um papo” ameno e trocávamos impressões sobre as ocorrências do cotidiano. Despedíamos-nos, ele levando, na mão, quase sempre uma sacola do supermercado Econômico, da Miguel Tostes, com pequenos suprimentos para a casa. Outro encontro frequente, para um cafezinho no Quinta Avenida Center, era com José Carlos da Fonseca Milano, meu primeiro professor universitário, que desapareceria logo depois do Cyro. Eram colegas de turma e ambas pessoas muito importantes em minha formação.

Minhas deambulações pelo bairro, assim, ressentem-se, agora, do vazio criado por estas ausências.

Entretanto, é confortador saber que, em um de seus últimos diálogos com Zaira, na CTI do Hospital Moinhos de Vento, Cyro confidenciou-lhe – dirigindo-se a ela como “Mimosa”, como sempre a chamou na intimidade – haver vivenciado, num estado oníróide, que saía do leito hospitalar, reunia os demais pacientes ali internados e, com médicos e enfermeiras, ido ter a uma bela mansão na Avenida 24 de Outubro, defronte ao restaurante “Il Gattopardo”, na qual se realizava “uma bela festa”. Zaira autorizou-me a referir o fato, onde fica evidente que, na mente de Cyro, o instinto de morte era sempre derrotado; como médico e psicanalista que foi, ele sempre procurou resgatar a si e aos outros para a vida.

**Luiz Carlos Meneghini**

Rua Fernandes Vieira, 89  
90210-091 – Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise – SPPA

---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)